

O carrossel da revolução: Opressão e resistência em *Capitães da areia*

The carousel of the revolution: Oppression and resistance in *Captains of the sands*

Emanuella Pereira de Souza Dantas¹
Manoel Freire Rodrigues²

RESUMO: O objetivo nesta pesquisa centra-se na relação do binômio opressão e resistência e de como esse se manifesta nas personagens amadianas de *Capitães da areia*. Buscamos, com esse artigo, a partir dos postulados de Candido (2000; 2015; 2019), Bueno (2015) e Marx (2014), entre outros autores, analisar as relações entre opressão e resistência, partindo das questões sociais, que subsidiaram nossa análise. O recorte selecionado busca evidenciar a violência enfrentada, e o despertar de uma resistência, objetivando uma liberdade social.

ABSTRACT: The objective of this research focuses on the relationship between oppression and resistance and how this is manifested in the Amadian characters of *Captains of the Sands*. With this article, based on the postulates of, Candido (2000; 2015; 2019), Bueno (2015) and Marx (2014), among other authors, we seek to analyze the relationships between oppression and resistance, starting from of social issues, which subsidized our analysis. The selected clipping seeks to highlight the violence faced, and the awakening of resistance, aiming at social freedom.

PALAVRAS-CHAVE: Comparatismo literário; História; Infância.

KEYWORDS: Literary comparatism; History; Infancy.

1. Considerações iniciais

¹ Graduação em Letras- Língua Vernácula e Língua Inglesa pela Universidade Federal de Campina Grande- UFCG (2014). Pós-graduada em Estudos Literários pela UFCG, Campus Cajazeiras (2016). Mestrado em Letras, pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2022) e Doutoranda do mesmo programa.

² Graduado em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (1995), com Mestrado em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2001) e Doutorado em Teoria e História Literária pela Universidade Estadual de Campinas (2009).

A aparição com maior frequência de classes menos favorecidas na literatura brasileira do século XX, constituídas à época por segmentos culturalmente à margem e politicamente reprimidos, tais como negros, homossexuais, pobres, entre outros, oportunizou que esses grupos tivessem voz e espaço, e que o modelo de leitura em que as narrativas privilegiavam a burguesia e contribuía para o esquecimento do passado de lutas fosse, aos poucos e, ainda que muito lentamente, deixando de ser único.

Nesse ínterim, a temática das representações das minorias na literatura nacional traz, para o contexto literário, tons de denúncia contra as esferas sociais que mais oprimiam essa parcela da população. É comum encontrar, nos romances escritos a partir do século XX, mais precisamente com os modernistas, um teor ácido e crítico ao tratar das relações entre opressor e oprimido. Ainda que grande parte dos escritores modernistas pertencessem, em teoria, ao outro lado da moeda, isso porque nomes como Jorge Amado, Graciliano Ramos e Rachel de Queiroz, por exemplo, mesmo que tratassem em seus romances de temas como exclusão social, fome e preconceito racial e econômico, não pertenciam a essa parcela inferiorizada da população, tratavam dos problemas em seus romances, mas não os vivenciavam.

Na Literatura Brasileira, a representação das classes sociais menos favorecidas teve seu ápice com o romance da década de 30, quando os escritores da época, embebidos pela revolução iniciada na década anterior, se propuseram a demonstrar a realidade nacional também nas obras que escreviam. Com a intensificação do processo de industrialização no Brasil, iniciado ainda no século XIX, tendo o café como mola mestra na região Sudeste, a classe operária também cresceu e, naturalmente, com a mudança, o espaço social e as artes passaram por



renovações também, e conseqüentemente a literatura mudou, refletiu essas alterações sociais. Sobre essas mudanças, Alberto Passos Guimarães apontou que:

[...] há uma arte nova. Mas esta arte não é simplesmente a renovação do processo de composição, nem dos gêneros nem das formas. Há uma arte nova como conseqüência direta da renovação do ambiente social e com íntimas diferenças de natureza que a distância às léguas dos passados conceitos de arte. Há uma arte nova, ligada ao movimento de emancipação de uma classe, refletindo todos os aspectos da luta por essa emancipação (GUIMARÃES, 1933, p. 288 *apud* BUENO, 2015, p.161-162).

Nesse sentido, a literatura também se renova, e com a luta pela emancipação das classes menos favorecidas se fortaleceu o englobar dos trabalhadores, dos pobres, dos pretos, dos, até então, invisíveis à literatura burguesa, termo utilizado por Karl Marx (2014).

2. O romance *Capitães da areia*

Capitães da areia tem em seu enredo as desigualdades sociais como pano de fundo, os meninos pobres que vivem no trapiche abandonado muito diferente dos meninos da dita parte rica da cidade. Consoante o narrador, andam sempre mal vestidos, com exceção de Gato, que embora tenha limitações, procura sempre se vestir bem, menino branco e malandro, apaixonou-se por Dalva, uma prostituta, e vive com ela uma vida de pequenos golpes. Destacam-se ainda, Sem-Pernas, o menino deficiente que usa de suas limitações para causar comoção nas famílias que serão assaltadas, ele é muito frio e tem um comportamento fixo associado à

maldade, segundo o narrador, era inconveniente: “Sem-Pernas costumava burlar dele, como de todos os demais do grupo, mesmo de Professor, de quem gostava, mesmo de Pedro Bala, a quem respeitava.” (AMADO, 2008, p. 37). Ainda se apresentam Boa-Vida, um malandro, muito pouco preocupado: “Boa-Vida não era dos que mais faziam pela vida. Gostava de deixar a vida correr, sem se preocupar muito. Era mais um parasita do grupo.” (AMADO, 2008, p. 71), Pirulito, o menino que queria ser padre, João Grande, o de bons conselhos e grande coração:

Pedro, o chefe, também gostava de ouvi-lo. E João Grande bem sabia que não era por causa da sua força que tinha a amizade do Bala. Pedro achava que o negro era bom e não se cansava de dizer:
– Tu é bom, Grande. Tu é melhor que a gente. [...] (AMADO, 2008, p. 31).

Além de Volta Seca, o menino que sonha com o cangaço, Almiro, que tem uma relação homoafetiva com Barandão, e, acometido pela varíola morre da doença. O Pe. José Pedro e a mãe de santo Don’Aninha que são as duas figuras religiosas no romance com maior densidade. Pedro Bala, o líder do grupo, e que posteriormente tem uma análise mais profunda, assim como outras personagens. Tem ainda o Querido-de-Deus, capoeirista que tem apreço pelos capitães da areia, Dora, única personagem feminina a integrar o grupo dos menores abandonados, Professor, único do grupo que sabia ler, é possível apontar que ele conseguisse mensurar a capacidade heróica que os meninos possuíam, e outras tantas personagens, haja vista a natureza da narrativa tratar exatamente de um grande grupo.

Assim, as personagens de *Capitães da areia* endossam um enredo de denúncia social, de uma época da Bahia. No romance, o narrador aponta para o fato que a infância marginalizada é consequência da má distribuição de renda, da



desigualdade social, da falta de assistência do Estado. Logo, a única saída dos menores abandonados no romance é resistir a todo tipo de opressão insistindo pela sobrevivência, essa se dá através de pequenos delitos. A discussão acerca da infância marginalizada ainda sobrevive, os menores infratores de Jorge Amado perduram de forma análoga à ficção ainda hoje nos grandes centros brasileiros.

Nesse íterim, as crianças abandonadas, que formaram um grande grupo e tem Pedro Bala como chefe, grande líder, são de toda forma apenas vítimas de uma sociedade opressora e excludente, mas essa resistência é violenta, infringem leis, são cruéis por várias vezes. Isso porque, a violência cometida pela sociedade contra as crianças, descrita no romance, é responsável pela devolutiva dos menores, eles não podem oferecer outra resposta senão o desprezo sobre eles despejado. Os meninos crescem, tomam rumos distintos, como Professor, que se torna pintor no Rio de Janeiro, ou Volta Seca, preso pela polícia e condenado por vários crimes, todavia o problema do qual fazem parte não cessa:

A desigualdade que gera os menores infratores é a mesma que produz o cangaceiro (Volta Seca) e o marginal urbano (Gato); é a mesma que propicia o surgimento do artista engajado (Professor) e do ativista político (Pedro Bala). Ao final, os meninos tomam corpo de adultos, mas continua a tensão que os opõe ao mundo e que exige deles novas armas. Amado faz da desigualdade não apenas o núcleo, a enervação central do romance. Ao mimetizá-la, quer falar a história do outro, a história a contrapelo, centrada nas vozes subalternizadas. E, ao trazer essas vozes para o centro do projeto socialista que embala seus primeiros escritos, quer construir, pela via literária, a solução. Apontando aos marginais o caminho da luta de classes, em pleno alvorecer do Estado Novo, Jorge Amado ostentava, provocativamente, o lado subversivo da utopia (DUARTE, 2002, p. 44).

Se o romance proletário buscava essa apresentação de uma literatura para as massas, *Capitães da areia* traz essa ligação forte com a luta de classes, a consciência proletária. O romance, que tem a infância marginalizada como temática, e dentro dessa proposta apresenta tantos outros problemas vivenciados pelas classes mais baixas, tornou-se referência nessa propositura do gênero.

A idealização romanesca compõe o retrato modelar do oprimido, o "romance proletário" empresta-lhe uma consciência para impulsioná-lo em sua afirmação como indivíduo. O vôo da morte de Sem Pernas, que pula das alturas da cidade rica rumo à cidade baixa, marca o momento agônico do *pathos* na trajetória do grupo, romanesca descida aos infernos, preparatória à elevação e reconhecimento definitivos dos personagens. Algo semelhante ocorre com Pedro Bala em sua fuga da prisão e no mergulho no oceano acompanhando o cadáver da amada. Com isto, transforma-se também a ação do romance. A recorrência ao substrato mítico - morte e renascimento do herói - emoldura a leitura amadiana da utopia socialista. Mais tarde, a delinqüência infantil cede lugar ao engajamento proletário. Os garotos crescem. Mais que isto, são impulsionados do mundo da sobrevivência individual para a rebeldia de uma classe que se levanta. Não será ainda a revolução, mas o salto sonhado por Jorge Amado naqueles idos de 37 (DUARTE, 2002, p. 45).

Isto posto, a narrativa das crianças marginalizadas, sem famílias, sem teto e sem alimento, sem educação, sem assistência, condenadas à própria sorte é caracterizada como romance social, preocupado com a representação da realidade, a apreensão da sociedade brasileira da época em sua totalidade. *Capitães da areia* traz uma narrativa que inflama e denuncia uma burguesia que exclui e domina, apresenta a realidade das crianças baianas abandonadas e suas formas de resistência, além das lutas de classe, da revolução e do universo das greves, elemento condicionante da resistência do oprimido.



3. Sob a opressão, à luz da resistência

Capitães da areia, publicado depois da implantação do Estado Novo – governo de Getúlio Vargas que durou quase dez anos – no Brasil, traz a representação do oprimido e esse ganha novos ares. Ainda que exista um discurso muito forte sobre os menores abandonados e a situação de desassistência, os movimentos grevistas, a luta de classes e o espírito de luta que circundam o enredo também dão tom ao romance. Embora fosse uma época de censura e repressão, muitos estavam dispostos a confrontar esse modelo governamental e escrever sobre aspectos reais que eram “maquiados” por parte da sociedade, principalmente a mais abastada economicamente. Assim, Jorge Amado, notoriamente, foi conhecido pelas denúncias às injustiças sociais e por sonhar, para o Brasil, com o socialismo, razão essa que fez com que *Capitães da areia* tenha sido censurado e tido mais de mil exemplares queimados numa fogueira em praça pública, como se detalha no trecho da Ata de Incineração, extraída do Jornal do Estado da Bahia, exposta por Duarte (2020, p. 40):

Aos dezenove dias do mês de novembro de 1937, em frente à Escola de Aprendizes Marinheiros, nesta cidade do Salvador e em presença dos senhores membros da comissão de buscas e apreensões de livros, nomeada por ofício número seis, da então Comissão Executora do Estado de Guerra, composta dos senhores capitão do Exército Luís Liguori Teixeira, segundo-tenente intendente naval Hécio Auler e Carlos Leal de Sá Pereira, da Polícia do Estado, foram incinerados, por determinação verbal do sr. coronel Antônio Fernandes Dantas, comandante da Sexta Região Militar, os livros apreendidos e julgados como simpatizantes do credo comunista, a saber: oitocentos e oito exemplares de *Capitães de Areia*, [...].

A ênfase dada às questões sociais nas obras amadianas fez seus escritos terem grande importância para os estudos da literatura como formadora, instrumento de transformação social e representação da vida de forma realista. Esta amostra da sociedade segue atual e contemporânea, haja vista a aproximação da realidade dos menores infratores descrita em *Capitães da areia* com a atual representação desses na sociedade brasileira.

Na obra, Jorge Amado retrata com realismo a infância baiana, no início do século XX, de meninos órfãos e abandonados, ou ainda que fogem de uma realidade em que são negligenciados pela família. Esses, por viverem em um velho trapiche abandonado, fazem suas próprias leis; logo, são representados como adultos, isso porque como eles infringem as leis do Estado, e também da Igreja, criam as próprias, para que haja uma organização social dentro do espaço que vivem, ainda que essa não vá de encontro com as leis que regem a sociedade baiana e brasileira da época. Majoritariamente, apresentam um amadurecimento cruel e irresponsável, quando se observam traços da violência e da masculinidade, encaradas como trampolim para a vida adulta, almejada de forma inconsequente, que se apresenta de várias formas e desencadeia vários elementos no romance, para que eles se tornem adultos apontam para o sucesso ao insistirem contra um sistema opressor, sendo o caminho da sobrevivência, e se rebelam contra uma violência epistêmica, isto é, a violência relacionada a determinado conhecimento, podendo ser entendida como uma forma de exercício de poder simbólico de um indivíduo, grupo ou nação sobre um outro através do conhecimento científico, como forma de invisibilizar este outro, consoante o pensamento de Spivak (2010).

Sobre a violência retratada em *Capitães da areia*, Duarte (1996) a considera fruto do enfrentamento social vivido pelo protagonismo de Pedro Bala e seu grupo. Assim, a violência seria por vezes gratuita, outras necessárias ou mesmo justas,



sempre escandalizando a fim de despertar o terror, a piedade ou a admiração do leitor: “A violência é meio de ação dos mocinhos-bandidos, mas é também fim nas típicas atitudes de vingança do aparelho repressivo: sede, fome, espancamento, clausura”(DUARTE, 1996, p. 115).

Além disso, o autor descreve com riqueza o trapiche abandonado, a falta de atenção e o zelo das autoridades com as crianças. Também faz descrições minuciosas, cada uma delas tanto física quanto psicológica dos meninos e dos espaços, dos sentimentos e das vivências. Indubitavelmente, as crianças representadas têm caracterização adulta, com vícios que figuram a maioria, tais como o uso de bebidas alcólicas, cigarros e charutos, bem como tratam o ato sexual, por exemplo, com naturalidade, embora sejam apenas crianças, das mais variadas idades, a necessidade de crescerem pela sobrevivência os transformam em homens, ou na representação masculina e adulta que precisam. Assim, observa-se de maneira clara a forma como juventude, repressão e violência se entrelaçam na constituição verossímil de Amado, com forte tom de crítica ao Estado e à sociedade.

O romance *Capitães da areia* expõe a realidade de abandono e negligência de uma sociedade opressora a um grupo de crianças vítimas do abandono, e que por essa razão tornam-se vulneráveis às mazelas sociais. Ao falar de opressão nesse corpus nos referimos a todas as esferas que, de alguma maneira, reprimem as minorias.

No romance, temos a opressão da igreja, do estado, da sociedade e dos próprios menores abandonados que protagonizam o enredo, isso porque há proibições entre eles, uma delas é a da pederastia, termo usado de forma pejorativa, haja vista ser proibida a relação sexual entre membros do grupo, mas

não no sentido etimológico da palavra, visto que os capitães da areia têm idades aproximadas:

Pedro Bala, no meio do sana em que estava, pensou, a princípio, que se tratasse de um caso de pederastia. E ficou atento para expulsar o passivo do grupo, pois uma das leis do grupo era que não admitiriam pederastas passivos (AMADO, 2008, p. 47).

No romance, o caso de Almiro e Barandão, casal homoafetivo do grupo, é o único exposto em sua totalidade, e também é repreendido: “Uma noite, quando o negrinho Barandão o procurou no seu canto para fazer o amor (aquele amor que Pedro Bala proibiu no trapiche) [...]” (AMADO, 2008, p. 144). Além dessas relações, a obra chama atenção para a forma que os infantes encontram nas ruas da capital baiana o único espaço de sobrevivência. Chamados de capitães da areia (em que se encontra uma referência ao fato de dominarem as areias), e sobrevivendo de pequenos furtos e assaltos, muitos desses menores, tal como apresenta a narrativa, foram abandonados pelos pais ou, por circunstâncias diversas, tornaram-se órfãos. Essas crianças têm como esconderijo um trapiche abandonado na beira do cais, lá buscam guarida nas fugas da polícia, por se evidenciar como fortaleza. Nesse espaço, os meninos escondem e dividem furtos do dia, mas lá também se compartilham risadas, sonhos e momentos especiais, como a contação de histórias, feita pelo Professor, ou momentos de carinho de Dora “mãe” com alguns meninos.

A priori, convém ressaltar o espaço hostil em que vivem os meninos. O trapiche abandonado, embora imponente, haja vista sua grandiosidade e destaque em meio à areia clarinha do litoral baiano, encontra-se em péssimo estado de conservação, a descrição do lar desses meninos põe em análise um dos primeiros



pontos a serem observados: o quão invisíveis são, para a cidade alta, os menores abandonados. Essa divisão deixa claras as condições das pessoas que viviam nos morros e nos bairros mais ricos. As casas que são assaltadas pelos capitães da areia refletem tudo aquilo que eles não têm no seu lar improvisado:

No Corredor da Vitória, coração do mais chique bairro da cidade, se eleva a bela vivenda do Comendador José Ferreira, dos mais abastados e acreditados negociantes desta praça, com loja de fazendas na rua Portugal. É um gosto ver o palacete do comendador, cercado de jardins, na sua arquitetura colonial (AMADO, 2008, p. 12).

Se, por beleza e elegância chama a atenção da casa do Comendador José Ferreira, assaltado pelos capitães da areia, haja vista a descrição a associando a um palacete, do outro lado da moeda, encontra-se o trapiche, que se destaca não pela beleza ou por estar situado em um bairro rico, aqui, o destaque se dá em cruel forma. Na apresentação do espaço, o trapiche

Durante anos foi povoado exclusivamente pelos ratos que o atravessavam em corridas brincalhonas, que roíam a madeira das portas monumentais, que o habitavam como senhores exclusivos. Em certa época um cachorro vagabundo o procurou como refúgio contra o vento e contra a chuva. Na primeira noite não dormiu, ocupado em despedaçar ratos que passavam na sua frente. Dormiu depois de algumas noites, ladrando à lua pela madrugada, pois grande parte do teto já ruíra e os raios da lua penetravam livremente, iluminando o assoalho de tábuas grossas (AMADO, 2008, p. 28).

Nesse primeiro momento, é importante pontuar que o distanciamento promovido pela urbanização é evidente no romance, as classes sociais são explicitamente separadas, os trabalhadores que buscam abrigo nas partes altas, ou

morros, em cortiços e vilas, enquanto os patrões estão fixados nas partes ricas e com melhores construções e localizações. Ao decorrer da narrativa apresenta-se a distinção das classes, e de como há uma representação muito forte da desigualdade social na descrição das personagens que habitam os dois espaços. Os meninos abandonados já são mal vistos pela sociedade baiana da década de 30, a cidade de Salvador, onde a história se passa, já está claramente dividida em duas: a parte rica e a pobre, a sociedade tem posicionamentos claros acerca dos menores: ou são a alma viva da Bahia, ou delinquentes que precisam ser regenerados.

Para além da desgraça social a que são submetidos, a partir de uma perspectiva avessa, em uma realidade pobre e dura, os capitães da areia, liderados por Pedro Bala, convivem com outros problemas graves, tais como a epidemia de varíola- vivenciada pelo Brasil anos antes da publicação do romance amadiano. A epidemia revelada por Jorge Amado também é outro ponto de distinção entre pobres e ricos, isso porque, além do tratamento dados aos menos abastados, destinados ao lazareto, espécie de “depósito” dos acometidos pela doença, a vacinação contra a patologia concentrava-se na parte mais abastada da cidade, esquecendo os pobres, do ponto de vista do narrador, lembrados apenas por Omolu, deus da doença e da cura do Candomblé, que na vingança dos pobres lança a varíola para a parte rica e enfraquece a epidemia ao acometer os miseráveis:

Omolu tinha mandado a bexiga negra para a cidade alta, para a cidade dos ricos. Omolu não sabia da vacina, Omolu era um deus das florestas da África, que podia saber de vacinas e coisas científicas? Mas como a bexiga já estava solta e era a terrível bexiga negra, Omolu teve que deixar que ela descesse para a cidade dos pobres. Já que a soltara, tinha que deixar que ela realizasse sua obra. Mas como Omolu tinha pena dos seus filhinhos pobres, tirou a força da bexiga negra, virou em alastrim, que é uma bexiga branca e tola,



quase um sarampo. Apesar disto, os homens da Saúde Pública vinham e levavam os doentes para o lazareto (AMADO, 2008, p. 143).

Sob a ótica dessa divisão social estabelece-se o enredo, em que os mais pobres buscam mecanismos de resistência, caminhos para serem notados, insistem na tentativa de serem vistos, respeitados, valorizados, não apenas apontados, humilhados pelos mais abastados, buscam, de todas as formas, existirem, não apenas figurarem no meio da sociedade excludente a qual fazem parte.

Nesse viés, de forma contundente, a obra de Jorge Amado, sem dúvida, pode ser caracterizada pelas articulações estabelecidas entre cidade, cultura, política e identidade. As temáticas sociais e que envolvem os problemas vivenciados pela sociedade baiana são maioria. Assim, no universo do romance de Jorge Amado a cidade se estabelece como espaço culturalmente heterogêneo, em que elementos como religião (na obra, representados pelo Catolicismo do Pe. José Pedro, e a crítica às mais altas patentes do clero), cor de pele (nas distinções entre Pedro Bala, branco, líder do grupo, astuto e inteligente, e João Grande, preto e não dos mais inteligentes, forte e de bom coração), luta de classes (nas narrativas do estivador e líder de movimentos grevistas, João de Adão), entre tantos outros fatores, nos quais exclusão social e luta por sobrevivência estão presentes como elemento subsidiador do enredo. Nessa perspectiva, a construção do texto literário viabiliza a apreensão da produção de sentidos disposta pelo autor, sujeito social de um determinado tempo e lugar, no enredo do romance, nas personagens historicamente situadas e constituídas socialmente.

Destarte, ao analisar o cenário em que vivem os menores abandonados percebe-se que a narrativa busca mostrar uma relação direta com a realidade, por

consequente ilustra de maneira ímpar os problemas enfrentados pela população pobre, desassistida, julgada e submissa à parcela baiana mais abastada. Logo, a resistência dos meninos se configura como elemento intrínseco à narrativa, mostra-se como fator relevante para a elaboração do enredo: “A resistência é um movimento interno ao foco narrativo, uma luz que ilumina o nó inextricável que ata o sujeito ao seu contexto existencial e histórico” (BOSI, 2002, p. 134).

Aqui, a obra artística não necessita em sua construção de semelhanças com a realidade, mas a arte moderna tem como característica essa representação. O movimento modernista tinha como sua característica central essa mostra do Brasil, de uma arte nacionalmente pura, que tivesse o país como pano de fundo, e narrasse sobre ele, não fantasiado, mas escancarado em sua beleza, mas também em seus problemas. Em razão das condições sociais do país, e a representatividade que o cenário em questão trazia, *Capitães da areia* internaliza a problematização externa, e, adiciona à ficção elementos de uma problemática real, condizente com a sociedade baiana da década de 30.

Com efeito, a obra amadiana traz a temática dos meninos abandonados para a literatura nacional. A narrativa é crua, comove e causa impacto ao leitor, entretanto é desenhada a tal modo que embora os menores cometam pequenos crimes, como os fazem pela sobrevivência, ocorre o inverso do que se espera: os meninos não são vistos como criminosos, e sendo suas ações apenas o necessário para existirem, o cenário resistente torna-se evidente:

é nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real. A literatura, com ser ficção, resiste à mentira. É nesse horizonte que o espaço da literatura, considerado em geral como o lugar da fantasia, pode ser o lugar da verdade mais exigente (BOSI, 2002, p. 135).



Ainda, ao analisar o foco narrativo, temos que o romance é narrado em terceira pessoa, de forma onisciente, e a mostra do contexto social, sobretudo a caracterização, bem como as ações dos meninos, aparecem de forma empática, e com pretensões de não eximi-los dos erros cometidos, mas colocá-los como frutos de um processo ao qual foram submetidos:

Vestidos de farrapos, sujos, semiesfomeados, agressivos, soltando palavrões e fumando pontas de cigarro, eram, em verdade, os donos da cidade, os que a conheciam totalmente, os que totalmente a amavam, os seus poetas (AMADO, 2008, p. 29).

Logo, tal caracterização evidencia as condições sociais a que foram submetidos esses jovens, e o narrador coloca tais situações como elemento que implica na resistência dos capitães da areia, à medida que são submetidos a condições sub-humanas, os meninos resistem, insistem e sobrevivem. Destarte, em função da força que oprime cria-se a que resiste, e, conseqüentemente surgem os pólos da ordem e da desordem, no romance evidenciados pelo embate proposto entre a sociedade rica baiana e os menores abandonados, não apenas se enfrentam, à medida que o opressor exerce sua força sobre o oprimido, esse insiste e resiste. Segundo Bosi (2002, p. 118):

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir.

Com efeito, os menores que vivem no trapiche abandonado resistem. São meninos que para a sobrevivência insistem. Mesmo que em meio a um lugar sem muitas condições de moradia, sem alimentação ou educação, eles resistem,

suportam as mazelas sociais e lutam contra elas, por vezes de maneira inconsequente, como meninos, que são. De todos os lados circundam opressão e resistência, buscam caminhos, mas esses são árduos, por vezes se questionam, sofrem, mas pela existência, insistem. Para Freire (1987, p.64) “A opressão, que é um controle esmagador, é necrófila. Nutre-se do amor à morte e não do amor à vida”.

Partindo desse pressuposto, tem-se que o controle necessário aos donos do poder esmaga os meninos de todos os lados, a falta de amor é referenciada por diversas vezes, de como a figura materna e paterna comprime esses meninos. Parafraseando Karl Marx, tomando como base o Manifesto do Partido Comunista (2014), não é possível minimizar a opressão enquanto as causas que a fazem existir, persistem, isto é, a organização social. Em consonância, para existência da opressão é necessária a existência de dois pólos: de um lado os opressores, de outro os oprimidos. Os jovens capitães da areia já figuram a opressão desde o início da narrativa, a forma como são tratados já revela o quão sofrem e são diminuídos:

Aconteceu que no jardim a linda criança que é Raul Ferreira, de 11 anos, neto do comendador, que se achava de visita aos avós, conversava com o chefe dos “Capitães da Areia”, que é reconhecível devido a um talho que tem no rosto. Na sua inocência, Raul ria para o malvado, que sem dúvida pensava em furtá-lo (AMADO, 2008, p. 13).

No trecho de uma reportagem, que inicia o romance, o *Jornal da Tarde* noticia um assalto, e por mais que tenham idades semelhantes as duas crianças tem tratamento diferenciado em sua caracterização, se de um lado Raul é lindo “[...] e já é dos ginásios mais aplicados do Colégio Antônio Vieira. (AMADO, 2008, p. 14),



Pedro Bala é um malvado e ladrão, em nenhuma descrição feita pelo lado opressor, os meninos são crianças desassistidas, são sempre ladrões, e esse discurso, repetido tantas vezes é internalizado pelos menores, que passam a acreditar nele:

– Deixa de ser besta, Bala. Tu bem sabe que do meio da gente só pode sair ladrão...Quem é que quer saber da gente? Quem? Só ladrão, só ladrão... – e sua voz se elevava, agora gritava com ódio.” (AMADO, 2008, p. 142).

Assim, por mais que resistam e insistam os meninos não tem certeza do futuro, estão entregues a uma sorte, que dia é favorável, dia não.

E quem são os opressores? No romance figuram a opressão da sociedade, que não os enxerga, a igreja que também fecha os olhos e oprime o Pe. José Pedro, por tentar mudar a vida dos meninos, o Estado, na representação do Delegado e do Diretor do Reformatório, além dos patrões, citados nas greves das Docas, que culminou na morte do pai de Pedro Bala, e na greve dos motoristas de bondes. Eles são os que “oprimem, exploram e violentam, em razão do seu poder [...]” (FREIRE, 1987, p. 30). E, naturalmente, tem como oprimidos “os condenados da terra”, os “esfarrapados do mundo” e os “que com eles realmente se solidarizem” (*Ibidem*, p. 31). Logo, ao serem estimulados pela opressão, sentiam-se motivados, mesmo que isso não fossem suas vontades. As ausências de possibilidades de uma vida melhor os fascinavam, aventuravam resistir e sonhavam com o dia em que sobreviver em trapiches e nas ruas, insistindo em pequenos furtos e crimes não fizesse mais parte de suas realidades.

4. Algumas considerações

Muito embora o título dessa seção direcione a ideia que chegamos às conclusões finais, de fato não chegamos, a pesquisa não se esgota aqui, não há uma proposta de findar as discussões que envolvem o *corpus* ou a problemática.

A narrativa apresenta o abandono da infância de um grupo de crianças, em que se misturam vários meninos, desde os órfãos aos que fugiram da violência doméstica para a da rua. Entre crianças brancas e negras e das mais variadas idades, destaca-se Pedro Bala, um rapaz decidido nas suas opiniões, comandante do conhecido grupo formado por crianças, jovens e adolescentes, assaltantes e ladrões, respeitado por todos e temido pela população baiana.

Assim, o crime e o respeito conseguidos pelo líder evidenciam a quebra das regras estruturantes, que são feitas para serem cumpridas, desde que haja condições, por toda a sociedade onde se incluem homens, mulheres, crianças, jovens e adolescentes. Quando há uma quebra desses direitos igualitários, surgem os comportamentos desviantes em uma sociedade em que essas pessoas não se enquadram, nascendo assim grupos que destoam dessa caracterização formal de uma sociedade elitista e politicamente correta.

Logo, ao serem estimulados pela opressão, sentiam-se motivados, mesmo que isso não fossem suas vontades. As ausências de possibilidades de uma vida melhor os sugavam, aventuravam resistir e sonhavam com o dia em que sobreviver em trapiches e nas ruas, insistindo em pequenos furtos e crimes não fizesse mais parte de suas realidades.

Por fim, interessa saber que pudemos vislumbrar as formas opressivas a que são submetidas as personagens, e como reagem às várias formas de negação social. Há, evidentemente, uma crítica à desigualdade social e os males que essa constitui na Bahia da década de 30, trazidos para o romance amadiano em questão. Ao compreender alguns conceitos básicos para essa análise, tais como os



de resistência e opressão, foi possível elencar como as personagens reagem e resistem, ao passo que buscam melhores condições de sobrevivência. Os meninos negociam não apenas os frutos de seus furtos, negociam a liberdade.

Desse modo, ao fim dessa análise, é possível depreender a forma resistente das personagens como mecanismo único da sobrevivência, de forma crítica o romance evidencia a carência social, emocional, física e psicológica das personagens. A opressão que sofrem age como um despertador social, fazendo com que reajam para não sucumbirem às forças esmagadoras de uma sociedade hostil aos menos favorecidos. A revolução, a greve e a luta despertam nos capitães da areia os sentimentos necessários para a resistência da qual são personagens principais.

Referências bibliográficas

ABDALA JUNIOR, Benjamin. *O romance social brasileiro*. São Paulo: Scipione, 1993.

AMADO, Jorge. *Mar morto*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. *O cavaleiro da esperança*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. *Suor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMADO, Jorge. *Cacau*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

ANDRADE, Oswald de. *Serafim Ponte Grande*. 6. ed. São Paulo: Globo, 1997.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. *Trajetos do Modernismo no Brasil: O romance de 1930 e a sombra do passado no Trânsito do Moderno*. Caxambu: 33º Encontro Anual da ANPOCS, 2009.

AZEVEDO FILHO, L. A. de. A ficção brasileira de 20 e o romance neo-realista português. In: *Revista de Letras*. Sociedade Unificada de Ensino Superior Augusto Mota. Rio de Janeiro, ano 2, 1975.

BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SANTOS, Lucas Borges dos. Maria Felipa. *Revista Virtual Resgate da Memória*. Número 02. Ano I- 2014.

BUENO, Luís. *Uma história do Romance de 30*. São Paulo: Editora da Unicamp, 2015.

CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 2000.

CANDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos*. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antônio. Dialética da malandragem. In: *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015. p. 67-89.

CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2019.

CARONE, Edgard. *Movimento Operário no Brasil*. Rio de Janeiro: Difel, 1979.

CARONE, Edgard. *Da esquerda à direita*. Belo Horizonte: Oficina de Livros, 1991.

COUTINHO, Afrânio. *Introdução à literatura no Brasil*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

COUTINHO, Afrânio. *A Literatura no Brasil: Era modernista*. 6 ed. São Paulo: Global, 2004.

COUTINHO, Afrânio. *Conceito de Literatura Brasileira*. 2º ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2008.



DA MATTA Roberto. *Carnavais, malandros e heróis*. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DALMÁS, CARINE. *Projeto História*, São Paulo, n. 47, p. 225-258, ago. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/17139/14206>.

DIMENSTEIN, Gilberto. *O cidadão de papel: a infância e a adolescência e os direitos humanos no Brasil*. 10. ed., São Paulo: Ática, 1995.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Jorge Amado: Romance em Tempo de Utopia*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

DUARTE, Eduardo de Assis. *Literatura e Cidadania*. São Paulo: Unicamp, 2020. Disponível em: <https://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/leitura%20e%20cidadania.htm>. Acesso em: 19 ago. 2021.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 17^a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *A literatura de Jorge Amado*. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

GOLDSTEIN, Ilana Seltzer; SHWARCZ, Lilia Mortiz. *O universo de Jorge Amado*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

GOMES, Álvaro Cardoso. *Roteiro de leitura: Capitães da areia de Jorge Amado*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1998.

LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

LINS, Álvaro. A liderança literária, o ensaio e a crítica em Mário de Andrade. In: _____. *Filosofia, história e crítica na literatura brasileira*: Afrânio Peixoto, João Ribeiro, José Veríssimo, Mário de Andrade, Lúcia Miguel Pereira. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967, p 73.

LONDOÑO, Fernando Torres. A Origem do Conceito Menor. In: PRIORE, Mary del. (Org.) *História da criança no Brasil*. 4 ed., São Paulo: Contexto, 1996, p. 129.

LUCAS, Fábio. *O Caráter Social da Literatura Brasileira*. São Paulo: Ática, 1987.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Trad. Luciano Cavini Martorano. São Paulo: Martin Claret, 2014.

MATA, Anderson Luís Nunes da. *O silêncio das crianças: representações da infância na narrativa brasileira contemporânea*. 2006. 116 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literaturas). Instituto de Letras, Universidade de Brasília, UnB, 2006.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos da Criança*, 1959. Disponível em: <
https://www.mpma.mp.br/arquivos/CAOPIJ/docs/1._Declera%C3%A7%C3%A3o_Universal_Direitos_da_C.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2021.

PRANDI, Reginaldo. Religião e sincretismo em Jorge Amado. In: SCHWARCZ, Lilia Mortiz; GOLDSTEIN, Ilana Seltzer. *O universo de Jorge Amado*. São Paulo, 2009. p. 46.

RAILLARD, Alice. *Conversando com Jorge Amado*. Trad. Annie Dymetman. Rio de Janeiro: Record, 1990.

RESENDE, Vânia Maria. *O menino na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

REIS, R. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p.

ROBERTI, M. (2000). O menor infrator e o descaso social. *Revista da procuradoria geral de São Paulo*, São Paulo: 2000, p. 315 -322.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Lafonte, 2017.



SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SALLA, Thiago Mio. Literatura, política e legitimação institucional: o romance de 1930 e o modernismo de 1922 segundo a retórica estadonovista. *Teresa revista de Literatura Brasileira*. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Universidade de São Paulo, nº 16, p. 117-134, 2015.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: ensaios sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

SCHWARZ, Roberto. *Os Pobres na Literatura Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Trad. Sandra Regina Goulart Almeida; Marcos Pereira Feitosa; André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.

VIEIRA, Denise Adélia. *A literatura, a foice e o martelo*. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, p. 87. 2004.

WEIL, Simone. *Reflexões sobre as causas da liberdade e da opressão social*. Trad Maria de Fátima Sedas Nunes. Lisboa: Antígona, 2017.

Recebido em 14/08/2023

Aceito em 07/12/2023